

Quando a chuva ameaça se precipitar

Beatriz Helena Silva

— Eu espero que o céu não desabe sobre nós.

Ela franziu as sobrancelhas, uma ruga surgiu entre elas, e a face que estava voltada para a janela, em um leve movimento, virou-se em minha direção e sorriu, como se aquela preocupação fosse ao mesmo tempo injustificada e divertida.

Naquele momento eu a emoldurei, como se ela se resumisse àquele sorriso. Que tolice a minha! Ninguém é só sorrisos, ninguém passa ileso, adverti-me.

Mas lá estava eu, olhando aquela estranha que já havia mudado de estação e se encontrava em outro tempo, observando o mundo tedioso que corria pela estrada. Eu me paralisei e a imaginei como um quadro mais uma vez. Se ela respirasse, eu respiraria com a mesma vivacidade. Isso tende a acontecer com frequência, por mais difícil que possa parecer, encontrar um momento perfeito diante de um desconhecido. Encontrar um desconhecido interessante é encontrar um caminho de possibilidades, todas elas distantes do nosso universo conhecido, diário e repetitivo.

Como sempre, guardei isso comigo e voltei meu rosto para um livro qualquer. Na minha bolsa estavam vários livros, daqueles que a gente compra e nunca lê. Eu os deixo para as viagens; muitas vezes eu os começo e não os termino, passo para outros ou perco o interesse.

As palavras que descreviam uma paisagem com pinheiros e um céu nublado, o decorrer daquela narrativa, carregaram e gravaram o rosto e a expressão daquela estranha, na qual eu pensei enquanto resignificava aquele conteúdo. Eu havia composto uma memória que poderia acessar, quem sabe em outras viagens ou em dias apáticos de grandes emoções.

Ela se mexeu e pareceu momentaneamente desconfortável, então procurou algo em sua bolsa, seus fones de ouvidos, eu pude ver. Os olhos se fechavam com calma... Ela parecia apreciar a música como quem consegue controlar uma tempestade desfrutando do que virá, aquela espécie de tranquilidade de quem conhece algum porto seguro e acredita que "o exterior" não o irá perturbar no curso da viagem.

Algumas pessoas são tão vivas, apenas sendo... Elas me dão inveja. Eu sinto que me afogo em tentativas e gestos apenas para aparentar ser, por isso me soa tão provocativo alguém que não parece premeditar o momento.

Uma viagem de cinco horas pode ser desconfortável; eu acredito que elas o são quando estamos com pessoas conhecidas, mas sem intimidade: viagem corre enquanto o assunto morre. Por alguma razão não mencionada, alguns pensam que o silêncio é um senhor que precisa ser saciado, em algumas ocasiões com palavras, em outras com constrangimento. Optei por lhe fazer companhia com esses pensamentos.

Hoje de manhã o dia estava claro, o que não significava muito, pois o tempo tem a capacidade de mudar. De vez em quando eu agradeço imensamente por isso. Hoje também ventava, o suficiente para que eu sentisse frio. O tempo iria virar de vez...

— Talvez o céu desabe sobre nós...

Eu falei o pensamento em voz alta, com os olhos nas linhas do livro, sem percebê-las. A garota semicerrou os olhos e me olhou de canto.

— Não tenha medo da chuva.

Algo saiu assim da minha boca: — Ân, não tenho.

— Ótimo. Eu sempre temi raios, mas gosto de relâmpagos.

Ela se incluiu na frase. Estávamos no mesmo momento mais uma vez.

— Como você me ouviu? — Apontei para os fones.

Ela os olhou e sorriu.

— Tenho superpoderes.

Isso seria uma pausa fatal, então eu sorri. Eu sorri. Para uma estranha. Eu... sorri.

Não me entendam mal, eu sorrio. Sei fazer isso até de forma bonita e agradável. No entanto, esse não era um dia para sorrisos, não parecia ser "o adequado" quando eu acordei.

— Meus poderes incluem abaixar o volume e ficar atenta aos barulhos ao redor. Nunca se sabe.

— Ah, poderes úteis.

Ela sorriu com o canto dos lábios, dessa vez com menos entusiasmo. Seus dedos dedilhavam algo no apoio do assento. Ela estava mais completa assim, não era só aquele momento passado.

— O cansaço bateu?

— É, mas agora falta pouco para acabar.

Não faltava realmente. A viagem tinha mais uma hora, isso era quase certo, mas o dia e a noite ainda esperavam por mim. Eu precisava finalizar tantas questões, era algo que o tempo não faria a tempo por mim. Talvez eu corresse o mundo em um dia se me permitissem, porém tudo precisava ser controlado.

Não achei conveniente abrir essa porta para uma estranha, ela nem ao menos pediu por isso.

— Quando eu chegar, irei para casa.

Ela sustentou um sorriso, dessa vez eu deixei que sua expressão fosse apenas o que era, uma manifestação de simpatia.

— Você mora aqui há muito tempo?

O interesse era real, porém vago.

— Não. Eu acho que aqui é mais um novo lar.

— Mudanças são boas.

— Nem todas.

Afiada. Eu deveria parar por aqui. Aqui está a questão: podemos simplesmente pegar a outra mão, às vezes é a única saída, ou a melhor opção; no entanto, podemos escolher nos preencher das pessoas por bem mais que um momento, o quanto elas nos permitirem.

— Certamente. Mas quem pode controlar todas elas, não é? — Eu ri. Eu ri para ela.

Ela me olhou. Olhos pretos. Olhos pretos em olhos castanhos. E por aquele céu que iria despencar, eu a prendi no meu momento, tão rápido que para um terceiro, ou para ela mesma, isso seria banal. Então, ela riu e virou o rosto para a janela.

Entrávamos na cidade.

Construções do início do século XX, algumas fechadas, outras abertas, como lojas de móveis e artigos como uniformes, um ou dois hotéis pequenos e alguns bares... Eu estava em casa e estava perdida naquela familiaridade redescoberta.

— Ah... mais um estacionamento na cidade. Menos casas. — É assim que conversas se desenvolvem? Saem do tempo para as habitações?

— Você já conhece a cidade?

— Sim, é uma viagem de boas-vindas e boa-volta.

— Parece promissor.

— E você?

Eu poderia responder “questões” com um ar misterioso, no entanto...

— Mais uma estadia temporária.

— Sua casa não está aqui?

Penteei o cabelo com as mãos. Eu deveria ficar nervosa?

— Não de verdade. — Eu sorri. Hoje isso saiu com mais frequência do que eu imaginara.

— Hum, é bom fazer viagens. Mas, para cá não imagino muito o que se tenha para fazer...

— É, não são férias.

O ônibus estacionou. Uma parte de mim ficou satisfeita; a outra não sabia se queria seguir dali.

— Prazer, meu nome é Lena.

Ela acenou, sem estender a mão.

— O meu é Brenda.

Agora Lena pegava aquela outra rota: ela se desaproximava de uma estranha e aquele vazio entre os estranhos que rodam o mundo se desestreitava. Ela pegou sua mochila e assim como eu se levantou. Caminhamos atrás dos outros passageiros, cada um seguindo algum propósito. Então, caladas, cumprimos aquele ritual de se desapegar das possibilidades e entrar no plano traçado, das questões individuais, dos vícios e das experiências que se fincam em nós e nos transformam.

Eu não amei Lena. Eu não a conheci. Eu a vislumbrei e ela era incrível.

Minutos depois, andando até o terminal de ônibus, o céu despencou sobre a minha cabeça. Olhei para trás: ela abria um guarda-chuva, observava os relâmpagos à espera de algo.



Beatriz Helena Silva é graduada em História pela Universidade de São Paulo.

bea.helena20@gmail.com